

## Balão não tem destino: uma etnografia das relações de quebrada através das práticas dos baloeiros

Marcos Vinícius Guidotti Silva\*

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma etnografia dos *Gênios*, um grupo de baloeiros, que há quinze anos atuam na zona sul de São Paulo (o local será omitido e o nome da equipe é fictício). Através do estudo, em andamento, das interações cotidianas dos membros desse grupo, estará em foco a heterogeneidade das *quebradas* (termo utilizado nesses locais para designar territórios como periferias e favelas). Pretende-se dar outras perspectivas das *relações de quebrada*, que vêm sendo discutidas recentemente na literatura. Essas perspectivas estarão apoiadas agora nas visões de seus moradores, o que ainda é, em grande medida, uma lacuna na bibliografia. A pesquisa de campo, iniciada em 2011, tem revelado como as posições estabelecidas dentro do grupo são expressas e mantidas pelas brincadeiras rotineiras entre os membros da *turma*; também está em foco a sociabilidade e os conflitos em torno do grupo estudado, inserido em relações diversas com os *moradores do bairro*, da *favela*, do *crime*, além do *estado*, da *mídia* e da *população* de outros espaços da cidade.

**Palavras-chave:** Cidade, conflito, moralidades, baloeiros, *quebrada*.



Figura 1: Balão Bagdá, 25 metros, tema da bandeira Jesus Cristo. Turma Gênios.

---

\* Graduando em Ciências Sociais da UFSCar, integrante do NaMargem – Núcleo de Pesquisas Urbanas UFSCar. Gostaria de agradecer quem está *correndo* junto nessa minha *caminhada*, meu orientador Gabriel Feltran, o parceiro de discussão Adalton Marques, os amigos de NaMargem, a Taniele Rui e Alexandre Werneck que indicaram esse *paper* para publicação. E um salve especial para todos das *quebradas* que estão me ajudando.

## Apresentação

Este texto é fruto da minha *correria*<sup>1</sup>. Há dois anos ingressei no curso de Ciências Sociais na UFSCar, iniciei uma etnografia das *relações de quebrada*, tendo como referência a que eu nasci. Nas páginas que seguem estarão em foco algumas dessas relações, porém articuladas a partir das práticas cotidianas dos *baloeiros*, grupo presente na *favela* que tenho acompanhado etnograficamente.

Por *relações de quebrada* entendo aqui as que se estabelecem em situações que tangem a vida das periferias e de seus moradores (o convívio rotineiro, mas também o relacionamento da *favela* com o estado, as relações entre diferentes *quebradas*, o *crime*, o que a mídia diz sobre esses lugares, e a interação da população de outros pontos da cidade com a *favela*). As práticas cotidianas dos *baloeiros* que servem de mote para mapear alguns dos modos de *ser favela*<sup>2</sup> são as atividades que envolvem a fabricação, soltura e resgate dos balões.

Este artigo está organizado em três partes; início com a apresentação do meu argumento e da *Gênios*<sup>3</sup>, bem como a justificativa de pensar o balão para abordar as *relações de quebrada*; na segunda parte, apresentando situações empíricas, procuro demonstrar como as *zueiras* (brincadeiras) permitem lidar com conflitos internos à bancada de *baloeiros*, e como as *relações de quebrada* podem ser vistas, em sua heterogeneidade, a partir das relações da *bancada* (local onde é feito os balões e identificação da equipe) com outros atores sociais. Concluo em seguida, retomando o argumento que intitula esse trabalho.

---

<sup>1</sup> *Correria* nas periferias de São Paulo é um jeito de se referir à ação (é o fazer algo). Por exemplo, a profissão de um motoboy é uma ação, então sua *correria* é fazer entregas pela cidade arriscando sua vida adentrando os corredores formados pelos carros no trânsito da capital paulista. Um baloeiro tem o compromisso de fazer balões e/ou soltar, então essa é a sua *correria*. A *correria* também é um compromisso, uma ação que você se compromete a realizar. A minha *correria* é etnografar as relações de *quebrada* tendo como premissa levar a sério o que os moradores desses lugares dizem. Portanto, adoto na minha escrita, como recurso metodológico, os dialetos dos meus interlocutores e o jeito de se falar em campo. Acredito que isso aumenta a compreensão dos dados, pois me aproximo dos contextos e do modo como eles foram ditos. Os dialetos serão destacados em itálico e, quando for necessário, há uma nota de rodapé para sua “tradução”.

<sup>2</sup> Modos de habitar a quebrada. Para trabalhar essa ideia de diferentes formas de habitar a quebrada e consequentes jeitos de vê-la, estou utilizando as noções habitacionistas que o antropólogo Tim Ingold (2000) apresenta. A partir dessas noções ele mostra como existem diferentes engajamentos dos seres em relação aos meios em que habitam. Texto recomendado pelo Prof. Jorge Villela.

<sup>3</sup> O nome da equipe dos baloeiros algumas vezes vai aparecer no masculino e outras no feminino, também no plural e singular. Essa variedade é decorrente da forma com que os membros da turma se referem a ela, ou a outras turmas. Por exemplo, há casos em que dizem a turma, ou os Gênios, a Gênios, as equipes, os baloeiros, etc.

## A bancada e os baloeiros

Os *Gênios* compõem um grupo que participa da *correria* dos balões há quinze anos. Alguns membros são *baloeiros* há mais tempo, tendo participado de outras *turmas*<sup>4</sup> ou soltando balões em agrupamentos sem o caráter de *turma*. Esta *bancada* teve origem na fusão de duas equipes de *baloeiros*, uma mais antiga do *miolo da favela* e outra fundada posteriormente, cuja sede ficava próxima à *favela*.

A fusão aconteceu quando os primeiros ficaram sem *bancada*, momento em que o dono da casa onde se instalavam se converteu religiosamente e parou de fazer balões. Os restantes conversaram com *os menino da turma* mais nova para propor uma união.

Cada *turma chegou*<sup>5</sup> com o que tinha para oferecer, os primeiros com mais habilidade para fabricar os balões e os segundos com o espaço. No decorrer desses quinze anos chegaram e saíram membros, dando configurações diferentes para essa equipe. Hoje, os *baloeiros* têm a *bancada* no mesmo local desde a união. Ela conta com algo em torno de 20 membros, com idades que vão dos 17 até os 35 anos.

Preferencialmente, a *Gênios* opta por soltar balões não muito grandes, porque fica muito tempo fazendo e *demora para soltar*. O maior balão deles, sem contar a bandeira e as estruturas que a ligam ao balão, media 25 metros.



Figura 2: Momento de inflar o Bagdá, 25 metros, da Gênios.

---

<sup>4</sup> É interessante notar que o significado do dicionário para *turma* não dá conta de explicar essa expressão. Ela é empregada com outros sentidos no campo conforme pode ser notado nos relatos que serão expostos.

<sup>5</sup> Chegar não apenas dando sentido a uma aproximação, mas também naquele de se apresentar na relação, de se impor no mundo de certa maneira.

A presença dos membros na *bancada* não é uniforme, ou seja, não são todos que estão cotidianamente no local fazendo balão, *trocando ideia* e *chegando junto* com a *mensalidade*. Cada integrante também vive situações diversas na *favela* e outros espaços da cidade. Por exemplo, trabalhar em outro bairro, ter uma loja de peças automobilísticas em uma das ruas da *quebrada*, *tirar uns troco* de motoboy, ir à igreja e curtir uma roda de samba em algum *canto* de São Paulo. Assim, cada pessoa vai ocupar uma posição nas relações que participa, resultando da sua atitude frente a elas e o desempenho esperado pelos outros. Muitas vezes esse jogo de posições e relações é tensionado e aparece na forma de conflitos.

O acompanhamento etnográfico dos *Gênios* permitiu levantar uma reflexão sobre as relações manifestas por esses conflitos rotineiros. É possível constatar que, quase sempre, o conflito é latente e quase nunca chega às *vias de fato*, ou seja, à violência física ou mesmo *troca de palavras* (MARQUES, 2012). Na ampla maioria das vezes o desenrolar dos conflitos acontece através das *zueiras*. É *zuando* o cara que se argumenta sobre seu compromisso junto à *turma*, se estabelecem as posições internas, ou se discute uma situação cabível de ser *requisitada* (cobrada) *dentro da quebrada*. São essas situações que analisarei em seguida.

### **Brincadeiras e dinâmicas da bancada de baloeiros**

Durante *uma visita na bancada*, *percebi que tinha um papel de resma colado na parede, próximo à entrada. O papel continha os nomes dos integrantes e, na frente, os meses do ano, formando um quadro. Além disso, estava escrito na parte superior algo do tipo: "pagamento de mensalidade". Com o passar do tempo os que pagavam recebiam um x em frente ao seu nome, na posição do quadro correspondente ao determinado mês. Um dos inadimplentes, ao invés do x, recebeu a frase: "matrícula trancada". Questionei os manos do por quê. Eles me disseram que o cara teve a matrícula trancada, pois nunca mais apareceu na bancada e nem mandou o dinheiro da mensalidade. Pique a música do Tim Maia, "partiu e nunca mais voltou"...*

Em uma festa (fora da *bancada*), um *ex-membro da turma* e o dono da casa, que não se conheciam muito bem, mas foram apresentados, começaram a usar droga juntos, na noite. O anfitrião ficou *muito loko* e o *baloeiro* ficou com a *ex-mina* desse cara. Dentro da *bancada*, após o ocorrido, brincadeiras como essas ficaram recorrentes:

*Caraio Paulão, você encheu o cara de droga, entrou na casa dele e pegou a mina do cara! Cê é loko! Isso da até morte!*

O Paulão respondia com um sorriso no rosto: *Mano nem sabia que era mina dele, ela venho pra cima e já tinha terminado, vocês num vale nada, fica falando essas coisas.*

### **Morador e balão**

Relações presentes no convívio entre moradores apresentam diversificadas perspectivas e pontos de vista. Um mesmo acontecido na *quebrada* pode ter vários *pelo certo*, ou seja, diferentes visões sobre o que deve ou não ser feito, falado, tido como correto ou errado.

Aqui me detenho apenas sobre as perspectivas emergentes das relações dos moradores com o grupo de *baloeiros*, fazendo aparecer alguns desses *pelo certo*.

A *arte* do balão no dia a dia é silenciosa. Muitos vizinhos e moradores não a percebem, ou não são incomodados pelas práticas cotidianas dos *baloeiros*, descobrindo que *ali tem uma turma* só quando ocorre uma festa (junina ou da *turma*). Pois são nas festas que pessoas fora do convívio do balão se aproximam dele.

Por outro lado o silêncio acaba quando o balão cai, ou *na hora da bagunça* (fala que se refere ao resgate do balão). O corre-corre acontece, segundo os *baloeiros*, por três motivos. O primeiro é o balão não ser danificado; o segundo é para não prejudicar a casa de algum morador; o terceiro é para que a polícia não chegue, ou no caso de chegar o balão já esteja resgatado e nenhum flagrante possa ser feito.

Quando algum dano acontece, os *baloeiros*, no caso da *Gênios*, arcam com o prejuízo e transtorno causado. Além disso, existe uma hesitação de soltar balões da *favela*, principalmente dos membros da equipe que moram dentro dela. Essas atitudes previnem conflitos e problemas que possam prejudicar os outros moradores.

Mas quando falha tal prevenção, entre os envolvidos pode acontecer um *debate*, buscando uma resolução ali mesmo da *fita* (acontecido), como o relato da soltura de um *fogueteiro*<sup>6</sup> de dentro da *favela*. O problema aconteceu quando os fogos do balão começaram a estourar antes dele pegar uma altura segura, atingindo os tetos das residências. Tudo deu errado segundo os *baloeiros*, todos tiveram que se proteger dos tiros dos rojões.

---

<sup>6</sup> Balão que carrega fogos de artifício. Eles são acessos por um pavio, começando a estourar no alto enquanto o balão sobe.

Depois do *auê* (confusão) a *turma* ficou no local para assumir sua *responsa*(bilidade). Ao passar um tempo, chegou um morador dizendo que os rojões acertaram a sua casa e, para os baloeiros irem ver o estrago. No local, eles viram que o telhado estava com telhas danificadas. Enquanto contavam para mim em tom bem humorado essa *fita*, eles não contiveram a jocosidade:

*Mano entramo na casa e tava cheio de buraco o teto do cara, dava pra ver as estrelas. O foda foi a véia, tia ou mãe do cara, sei lá, saindo de baixo da cama. Ela estava escondida e falando que agente era louco em soltar balão aqui, ela disse que pensou que era tiro, que tavam invadindo tudo aqui a favela!*

A resolução desse conflito segundo os *baloeiros* aconteceu ali mesmo, sem a intervenção da polícia ou *outra instância reguladora de conflito*<sup>7</sup> das *quebradas*. Os envolvidos *trocaram idéia* e se entenderam, a *turma* disse que arcaria com o prejuízo, e arcou. Partes das telhas foram trocadas por outras compradas pela equipe, as restantes foram recolhidas na rua. Como relatado: *Conforme agente passava e via alguma obra com telha vacilando a gente ia e pegava, levava pro cara na casa.*

Porém, na soltura de outro balão que homenageava a namorada de um conhecido, a polícia foi chamada. Não por causa do balão, mas sim pela movimentação de pessoas no fundo de um hospital da *favela*, entre elas mulheres.

Os vizinhos confundiram a ação com a de um sequestro, então ligaram para a *polícia* relatando a movimentação suspeita. A *polícia* chegou com várias viaturas, os policiais desceram com as armas em punho, e gritando: *cadê a vítima, cadê a vítima?* Os *menino* do balão ficaram confusos, olhando uns para os outros e se perguntando: *que vítima?* Segundo eles, demorou para todos entenderem o que acontecia ali, até os policiais informarem a motivação da ocorrência e os baloeiros explicarem que se tratava de uma homenagem.

Alguns membros foram levados até a delegacia, por causa do balão. Ao chegarem lá, tomaram uma *canseira*, ficaram algumas horas na delegacia, assinaram um *B.O.* e viram o delegado repreender a prisão deles junto aos policiais. Um membro da *turma* reproduziu a fala do delegado: *Por que vocês num vai atrás de ladrão? Vai atrás de baloeiro? Sabe que baloeiro tem endereço fixo, num tem passagem na polícia,*

---

<sup>7</sup> Por exemplo, os debates do Primeiro Comando da Capital (PCC), instâncias reguladoras do conflito dentro das cadeias e da *quebrada*. A existência desses debates pode ser identificada nos enunciados de alguns moradores, também por uma bibliografia recente sobre violência e criminalidade. Para consultar essa bibliografia: BIONDI (2010); MARQUES (2010); FELTRAN (2011); HIRATA (2010).

*tem trabalho. Eles num vão ser preso nunca. Vai atrás de ladrão, meu, deixa esses baloeiros pra lá!*

### **Relação entre *quebradas***

Hoje em dia é outra *picadilli* (outro contexto). Conforme Marques (2012) nos apresenta, as relações entre os moradores das periferias foram mudando ao longo dos anos de 80, 90 e 2000. Antes, agrupamentos das *quebradas* iam pré-dispostos a arrumarem confusões com outros agrupamentos da cidade que fossem aos mesmos bailes, sambas, jogos de várzea ou festas, o importante era *representar não arregando* (não fugir da briga). Os dias de hoje apresentam novas configurações, ou seja, as relações que manifestavam um apetite para *tretas* (brigas) atualmente configuram-se como máquinas de formar alianças entre moradores das *quebradas*.

As relações entre as *turmas* podem ajudar a pensar a substituição das brigas pelas alianças nesse contexto de mudanças nas periferias de São Paulo. Essa inversão mostra-se presente no discurso dos *baloeiros*, ao relatarem suas vivências nas décadas de 1980 e 1990.

*Bruno: Hoje em dia é mais amizades do que inimizade né, hoje em dia as turma é mais unida do que antes.*

*Pérão: Tudo bem que nossa turma já foi vista como uma das mais rebelde da área, antigamente a gente era muito muleke né meu, tinha muita mulekagem.*

*Bruno: Então, mas hoje graças a Deus hoje é mais amizade do que inimizade, você conhece muitas pessoa. E num adianta você arruma briga hoje, porque balão num tem destino, num adianta você arruma briga hoje porque você tá na sua quebrada e amanhã, e aí? Balão num tem destino, amanhã cai na quebrada dos outro que você arrumou briga, chega lá como que vai fica a história?*

*Então por isso hoje em dia num tem mais isso ai não. E tem a ética né, balão é, como na gíria do baloeiro diz, balão é boca, quem pega primeiro e pega na boca do balão o balão é dele, num adianta você chegar lá depois de um tempo que o balão desceu quere grita que o balão é seu porque num é não, tem essa ética quem pega primeiro na boca do balão o balão é dele, claro que tem as vezes aí que arruma confusão, mas é pouco isso daí.*

Nessa mesma conversa, outro ponto me chamou a atenção. A partir dessa última fala do *Bruno*, chegamos a um ponto no qual uma das relações dos moradores com o *crime* apareceu. Depois que ele parou de falar, fiquei olhando para ambos e

emendei uma indagação, como se estivesse dizendo a coisa mais inteligente para se falar naquele momento:

*Mas nessa relação aí de balão ser boca e não ter destino, se um cara chegar armado ou ser do movimento (do crime) o que acontece? O Bruno me olhou nos olhos como se estivesse dizendo: mano, você muleke de quebrada, me perguntando um absurdo desse? Cê acha que eu vou pagar pau pra ladrão? Isso ficou manifesto apenas no olhar, mas reverberando na minha mente. O que veio em palavras, um tanto em tom exaltado, foi o seguinte: Não, isso aí num influencia não, pelo menos na parte do balão é muito pouco isso. A influência de você ser ladrão, o cara tem que respeitar, o cara pode ser pai de família pode ser o que for, mas é como eu tava te explicando balão não tem destino, o cara é ladrão na quebrada dele ele não vai andar vinte e quatro hora armado, o balão caiu na zona sul amanhã ele pode cair na zona norte, ele num vai andar vinte quatro hora armado, aí o balão cai na zona norte na área lá do outro cara, aí o que vai acontecer? O cara pega ele, ele num vai poder ficar vinte e quatro hora armado. A regra do balão supera a parte de criminalidade, isso aí é poucos.*

## **Conclusão**

### ***De fora pra dentro da bancada***

Partindo do que foi exposto na apresentação desse texto, é possível fazer a constatação de que existem dois momentos da análise, um proveniente das dinâmicas internas da *bancada* e seus membros, e outro das dinâmicas externas dos *baloeiros*, momento em que as perspectivas desses estão em relação com outras.

As *zueiras* permitem entender como o conflito é tratado dentro da bancada. Elas determinam as posições (o que tem mais habilidade para desempenhar uma atividade, por exemplo) e quem está certo em dada situação. Para expor isso, eu mostrei a maneira de *zuar* um membro inadimplente colocando para todos lerem um papel com uma palavra jocosa expressando sua falta de compromisso.

Outro dado foi a atitude que corre o risco de ser olhada como *talaricagem*<sup>8</sup> na *favela*, mas dentro da *bancada*, recebeu um tratamento bem humorado, porém não deixou de tratar aquele que a praticou como errado (na visão dos que *zuavam*), e esse se defendeu, explicando a situação para os outros, mantendo o tom de *zueira*.

### ***De dentro para fora***

A análise das *relações* de *quebrada* que procuro realizar, a partir da visão de seus moradores, guarda uma analogia com a própria elaboração do balão. No primeiro momento se começa na *bancada*, onde os baloeiros estão colando quadrado por quadrado de seda, dando forma ao balão e sua bandeira. Na minha *correria*, esse momento equivale às primeiras reflexões que posso dar forma sobre as dinâmicas dos moradores, em especial a dos *baloeiros*. Quando o balão vai ser inflado para ser solto, e especialmente conforme ele vai pegando altura, o olhar da análise também sobe, aí posso ter uma visão do alto de algumas relações entre *quebradas*: por exemplo, a amizade entre as turmas que se prestigiam, a necessidade da equipe se mostrar frente a outras, pois só faz balão quem *representa* (quem tem qualidades), e, no limite, pode acontecer uma desavença (uma *treta*) entre os *baloeiros*.

Quando o balão está fora da *bancada* ele pode tocar o *crime*, pois para ser baloeiro não tem um pré-requisito, basta gostar e ir atrás. Dentro desses circuitos, o fato de um sujeito ser ladrão não interfere diretamente, segundo a fala do *Bruno*, pois balão não tem destino e se o *mano* é do crime e vier se *crescer*<sup>9</sup> ele pode se prejudicar, porque o balão não tem destino, ele pode cair em uma região que o criminoso está desprotegido da sua posição, porque ninguém o conhece. Esse dado serve de contra ponto para pensar as relações entre moradores e criminosos, ele mostra que em uma dada configuração o *crime* não tem o poder hegemônico de decisão nas *quebradas*. Com isso enalteço que as coisas no cotidiano apresentam uma maior complexidade, sendo difícil até definir o que é ou não hegemônico dentro de uma *favela* em São Paulo.

No momento da queda do balão e seu resgate caio junto sobre outras perspectivas, podendo citar as dos moradores que não querem ter suas casas prejudicadas. Verifico que por parte dos baloeiros essa ação é tangenciada pelo respeito e cuidado.

Abrindo um pequeno leque de possibilidades, a partir dos dados de campo, quando acontece um conflito entre moradores e *baloeiros*, causado pelo balão, a re-

---

<sup>8</sup> Talarico é aquele que cobiça ou se relaciona com mulher compromissada, a *talaricagem* constitui essa ação. O termo se origina, para alguns, a partir da música do cantor Zeca Pagodinho intitulada *Talarico, Ladrão de Mulher*.

<sup>9</sup> Tirar proveito da sua posição de criminoso, ou pelo fato de ter uma arma.

solução pode acontecer através de três instâncias. A primeira um *debate* entre os envolvidos (como apresentado nesse texto), a segunda pode ser por uma ocorrência policial e por fim, caso seja dentro da *quebrada*, um *irmão*<sup>10</sup> pode ser acionado para um *debate* com os preceitos do *crime*.

Fora da *quebrada* o balão não é visto como *arte* e seus admiradores são tidos como criminosos que causam o pânico, infringem leis e não têm nenhum respeito com a população da cidade. Essa visão é expressa pela opinião pública, por exemplo, na matéria exibida no programa Fantástico da Rede Globo na data 03/06/2012<sup>11</sup>. A matéria refere-se à atividade do balão *como colocando em risco a cidade inteira e os baloeiros tocam o terror na tentativa de resgatar essas bombas voadoras* (termos utilizados na matéria).

A partir das concepções de Turner (1974) e Da Matta (1997) a queda do balão pode ser vista como um estado liminar ou extravaso de regras e leis como é expresso na reportagem. Porém, eu tenho como premissa levar a sério aquilo que meus dados permitem interpretar e o que meus interlocutores dizem (BARBOSA, 1998; FOUCAULT, 1999)<sup>12</sup>, sendo assim o que vejo em campo são as atividades dos *baloeiros*, incluindo o resgate, estarem interpeladas pelo respeito e cumprimento de leis. A questão então deixa de ser se os *baloeiros* infringem ou respeitam leis, e passa a ser quais leis estão seguindo: as leis da *favela*, as leis do balão, ou as de um aparato jurídico e legal?

### ***Balão como máquina de aliança***

Gostaria de propor, como experiência analítica, a transposição para o balão daquilo que Adalton Marques (2012) chama de *máquinas de aliança*. Com elas, o autor mostra uma mudança das atitudes dos moradores nas *quebradas*. Hoje em dia existe um maior *respeito e cuidado com as palavras*.

Essa atitude é acompanhada por um novo enunciado de paz e humildade entre os ladrões, surgido com a ascensão do PCC. A partir de conversas pessoais na *que-*

---

<sup>10</sup> Membro batizado do PCC.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1680773-15605,00.html>>. Acesso em 6 dez. 2012.

<sup>12</sup> Antônio Rafael Barbosa com seu trabalho pioneiro de dar caráter epistêmico à fala de seus *nativos* e a noção de Michel Foucault de saberes sujeitados vêm me servindo de referência metodológica para tratar os meus dados de campo e a fala dos meus interlocutores. O caráter de pioneirismo no trabalho do primeiro sempre foi destacado pelo Prof. Jorge Villela e Adalton Marques em conversas pessoais.

*brada* e com a leitura de trabalhos que abordam as dinâmicas do *crime*, eu tendo a acreditar, que para alguém que compartilha desses preceitos dos criminosos a mudança tem como motivador principal o *Partido* (PCC), mas, para um *baloeiro*, o balão pode ser o centralizador de uma *pacificação* de relações antes tensas.

O fato de balão não ter destino e sempre ter um balão subindo para ser visto, na visão dos *baloeiros*, é crucial para evitar desavenças desnecessárias com outras *turmas*, e conseqüentemente com outras *quebradas*. E então, nessa linha de pensamento, o balão é em si uma poderosa *máquina de aliança*.

O que está em foco aqui não é dizer que a visão dos *baloeiros* está certa e aquele que compartilha a visão do *crime* está errado, o que se mostra são movimentos que acompanham e são acompanhados por essa atitude de maior *respeito* dentro das *quebradas*. Para dar conta dos efeitos desse fator, é necessário que as perspectivas sejam colocadas no mesmo plano, levando a sério todos os enunciados em disputa.

Tenho para mim, então, que é fundamental colocar com a mesma relevância o balão como máquina de pacificação, os enunciados do PCC e levar a sério quando um morador diz que ele está *mais sossegado agora do que quando era mais muleke, pois tem uma família pra cuidar e está mais velho*. O balão tem me ajudado a entender essas *relações na quebrada*.

## Referências

- BARBOSA, A. C. R. (1998). *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Niterói, RJ, Eduff.
- BARBOSA, A. P. (2005). *De role pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Dissertação de mestrado (Antropologia Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 119 p.
- BIONDI, K. (2010). *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo, Terceiro Nome/ FAPESP.
- CALDEIRA, T. P. (1984). *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense.
- CARNEIRO, S. C. (1986). *Balão no céu alegria na terra*. Rio de Janeiro, Funarte/Instituto do Folclore.
- CLASTRES, P. (2003). *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo, Cosac Naify.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo, Cosac Naify.

DA MATTA, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco.

DURHAM, E. R. (1973). *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo, Perspectiva.

FELTRAN, G. S. (2011). *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo, Editora UNESP; CEM/ Cebrap.

\_\_\_\_\_. (2007). "Trabalhadores e bandidos: categorias de classificação, significados políticos". *Revista Temáticas*, ano 30, v. 15, p. 11-50.

FOUCAULT, M. (1999). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes.

HIRATA, D. V. (2010). *Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida*. Tese de Doutorado (Sociologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, 317 p.

INGOLD, T. (2000). *The perception of the environment: essays on livelihood dwelling and skill*. Londres, Routledge.

MARQUES, A. (2010). *Crime, proceder, convive-seguro: um experimento antropológico a partir das relações entre os ladrões*. Dissertação de mestrado (Antropologia Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 119 p.

\_\_\_\_\_. (2012) "Maior Respeito" e "cuidado com as palavras": considerações de moradores sobre as transformações nas periferias de São Paulo, uma tendência nas favelas de existir um maior cuidado entre as palavras ditas e respeito entre moradores das quebradas. In: *Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS*, de 21 a 25 de outubro de 2012, em Águas de Lindóia/SP, 2012. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_details&gid=8232&Itemid=217](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=8232&Itemid=217)>. Acesso em 28 jan. 2013.

SADER, E. (1988). *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

SIMMEL, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

TURNER, V. W. (1974). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, RJ, Vozes.

VILLELA, J. M. (2011). *Ordem pública e a segurança individual: política no sertão de Pernambuco*. São Carlos, EDUFSCar.

ZALUAR, A. (1985). *A máquina e a revolta*. São Paulo, Brasiliense.

*Recebido em dezembro/2012*

*Aprovado em janeiro/2013*